
Mapas, saber e poder

In Peter GOULD e Antoine BAILLY, « Le pouvoir des cartes et la cartographie », Paris, *Antropos*, 1995, p. 19-51. Traduzido por Mônica Balestrin Nunes

Cartes, savoir et pouvoir

BRIAN HARLEY

<https://doi.org/10.4000/confins.5724>

Notes de la rédaction

Ensaio publicado com o título, Maps, knowledge and Power In The iconography of landscape : Essays on the symbolic representation, design and use of past environnements, sob a direção de Denis Cosgrove e Stephen Daniels (New York : Cambridge University Press, 1988).

Texte intégral

Dê-me um mapa; depois mostre-me
Tudo o que me resta para conquistar o mundo ...
Aqui, eu comecei a andar em direção à Pérsia,
Ao longo da Armênia e do mar Cáspio,
Depois até a Bitínia onde eu fiz prisioneiros
Os Turcos e sua grande Imperatriz.
Depois eu andei até o Egito e a Arábia,
E aqui, não distante de Alexandria,
Onde o Mediterrâneo e o Mar Vermelho se encontram,
Distantes um do outro menos de cem léguas,
Eu pretendo abrir um canal entre os dois
Para que os homens possam navegar rapidamente em direção à Índia.
Depois, de lá, em direção à Núbia perto do lago Borno,
E ao longo do mar da Etiópia,
Cortando o trópico de Capricórnio,

- 1 Um livro sobre o conjunto de imagens geográficas que não incluisse o mapa pareceria um Hamlet sem o Príncipe. Entretanto, ainda que os mapas estejam há muito tempo no centro dos discursos sobre a geografia, raramente eles são lidos como textos “profundos” ou como formas de saber socialmente construídas. “A interpretação dos mapas “implica habitualmente o estudo de suas “ características geográficas ” sem indicar como, enquanto forma manipulada do saber, eles contribuíram para moldar estas características. Certamente, na geografia política e história do pensamento geográfico, vinculam-se cada vez mais os mapas e o poder, sobretudo nos períodos de história colonial. Mas o papel particular dos mapas, como imagens ligadas a contextos históricos precisos, quase não se sobressai do discurso geográfico no qual eles estão inseridos. O que falta, é o sentimento do que Carl Sauer² chamava de eloqüência dos mapas. O que podemos fazer para que os mapas “ falem ” dos mundos sociais do passado?

Perspectivas teóricas

- 2 Início por explorar o discurso dos mapas no poder político, e minha linha de estudo é preponderantemente iconológica. Os mapas serão considerados como parte integrante da família mais abrangente das imagens carregadas de um juízo de valor, deixando de ser percebidos essencialmente como levantamentos inertes de paisagens morfológicas ou como reflexos passivos do mundo dos objetos. Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído. Nós distinguimos assim a leitura dos mapas dos cânones da crítica cartográfica tradicional e de seu rosário de oposições binárias entre mapas “ verdadeiros e falsos ”, “ exatos e inexatos ”, “ objetivos e subjetivos ”, “ literais e simbólicos ”, baseados na “ integridade científica ” ou marcados por uma “ deformação ideológica ”. Os mapas nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens. Aceitando-se tais premissas, torna-se mais fácil compreender a que ponto eles se prestam às manipulações por parte dos poderosos na sociedade.
- 3 Nesta paisagem conceitual, eu apontaria três pontos de vista que permitem perceber certos contornos ideológicos mais específicos dos mapas. De início, eu encaro os mapas como uma forma de linguagem (não é vital para a informação que esta afirmação seja tomada pelo sentido metafórico ou literal)³. O conceito de uma linguagem cartográfica é preferível àquele originado da semiótica e, embora tenha atraído alguns cartógrafos, é uma ferramenta muito desgastada para conduzir uma investigação histórica específica. O conceito de linguagem se traduz mais facilmente em prática histórica. Ele não apenas nos ajuda a ver nos mapas imagens – espelhos servindo para intermediar diferentes visões do mundo, mas também nos leva a procurar dados empíricos sobre aspectos tais como os códigos e o contexto da cartografia assim como sobre seu conteúdo tomado no sentido tradicional. Uma linguagem , ou melhor uma “ literatura dos mapas ” nos incita também a formular questões sobre a evolução dos usuários dos mapas, sobre o nível de familiarização com eles, sobre sua paternidade, sobre os aspectos atinentes ao segredo e à censura, e sobre a natureza das informações neles inscritas.
- 4 Além disso, a crítica literária pode nos ajudar a identificar a forma particular do discurso cartográfico. O discurso foi definido referindo-se aos aspectos de um texto que possuem uma carga apreciativa, avaliativa, persuasiva e retórica em oposição àqueles que tratam somente da denominação, localização e narração. Ao se demonstrar que o

“ simples ” fato de se denominar ou situar um elemento sobre o mapa possui freqüentemente uma carga política, pode-se todavia aceitar que uma separação idêntica se aplique aos mapas. Estes últimos formam uma categoria de imagens retóricas, limitadas pelas regras que regem seus códigos e seus modos sociais de produção, de troca e de utilização, de tal modo a não importar outra forma de discurso. Por sua vez, isto nos leva a melhor compreender os mecanismos pelos quais os mapas, como os livros, tornaram-se uma força política na sociedade⁴

5 Um segundo ponto de vista teórico foi extraído da formulação que Panofsky nos dá de iconologia⁵. Já se tentou estabelecer uma correspondência entre os níveis de interpretação definidos por Panofsky para a pintura e aqueles que são identificáveis nos mapas. Neste último caso, pode-se utilizar a iconologia não apenas para identificar um nível de significação “ superficial ”ou literal, mas também um nível “ mais profundo ”, geralmente associado à dimensão simbólica do ato que consiste em emitir ou receber uma mensagem. Um mapa pode carregar em sua imagem um simbolismo passível de ser associado à zona, à característica geográfica, à cidade ou ao lugar particular que ele representa. É neste nível simbólico em geral que o poder político dos mapas é mais eficazmente reproduzido, comunicado e percebido.

6 A terceira perspectiva é extraída da sociologia do conhecimento. Já foi colocada a idéia de que o conhecimento cartográfico é um produto social, e para esclarecer esta proposição foram introduzidos neste ensaio dois conjuntos de idéias para sustentar os exemplos empíricos. O primeiro conjunto foi retirado de Michel Foucault que, ainda que suas anotações sobre a geografia tenham sido breves⁶, fornece um modelo interessante para a história do conhecimento cartográfico em sua crítica da historiografia.

7 A cartografia pode ser também uma forma de conhecimento e uma forma de poder. Assim como o historiador pinta a paisagem do passado com as cores do presente, o geômetra, conscientemente ou não, não reproduz somente o entorno em sentido abstrato, mas também os imperativos territoriais de um sistema político. Seja o mapa produzido sob a bandeira da ciência cartográfica, como foram a maior parte dos mapas oficiais, ou seja um exercício de propaganda declarada, é inevitável que esteja envolvido no processo do poder. Da mesma forma, pode acontecer que algumas implicações práticas dos mapas caiam também na categoria que Foucault qualifica como atos de vigilância, sobretudo aqueles guerra, à propaganda política, à delimitação de fronteiras ou à preservação da ordem pública.

8 Foucault não é o único a estabelecer uma ligação entre poder e saber. Ao formular teorias sobre a maneira pela qual os sistemas sociais foram integrados no tempo e no espaço (sem entretanto mencionar explicitamente os mapas) Anthony Giddens⁷ se refere aos “ recursos de autoridade ” (em oposição aos recursos materiais) que o Estado controla : “ o estoque de recursos de autoridade implica sobretudo a *retenção e o controle da informação e do saber* (conhecimento) . Sem dúvida, o evento decisivo aqui é a invenção da escrita e dos números ”. Os mapas foram uma invenção similar no controle do espaço ; eles facilitaram a expressão geográfica dos sistemas sociais e são um meio de consolidar o poder do Estado. Como instrumentos de vigilância, eles se prestam ao mesmo tempo à coleta de informações pertinentes para o controle dos cidadãos pelo Estado e à vigilância direta de sua conduta. Nos tempos modernos, quanto mais a administração do Estado é complexa, mais suas ambições territoriais e sociais são ampliadas, e maior será sua demanda por mapas.

9 Estas idéias nos ajudam a considerar as imagens cartográficas sob o ângulo de sua influência política na sociedade. O simples fato que, durante séculos, os mapas tenham sido classificados como imagens científicas, e que eles sejam ainda colocados nesta categoria pelos filósofos e semioticistas, torna a tarefa mais difícil. As relações dialéticas entre imagem e poder não podem ser dissociadas dos procedimentos destinados a avaliar o conhecimento topográfico bruto dos mapas e não há teste para verificar suas tendências ideológicas. Compreendidos como saber assimilado a um poder, os mapas

são explorados sob três ângulos : a universalidade dos contextos políticos na história da cartografia; a maneira pela qual o exercício do poder estrutura o conteúdo dos mapas, e a maneira pela qual a comunicação cartográfica, num nível simbólico, pode reforçar este poder por intermédio do conhecimento cartográfico.

Os contextos políticos dos mapas

O Czar

E tu meu filho, o que fazes? O que é isto?

Fyodor

É o mapa da Moscóvia, nosso império

de ponta a ponta. Vês :

ali, Moscou,

Ali Novgorod, aqui Astrakhan.

Eis aqui o mar,

Eis aqui as espessas florestas de Perm,

e lá está a Sibéria

O Czar

E o que é aquilo, o que serpenteia

Como um desenho bordado ?

Fyodor

É o Volga.

O Czar

Muito bem! Eis aí os doces frutos do estudo !

Como do alto das nuvens, podes de uma só vez abraçar

Todo o império : fronteiras, cidades

e rios !

Alexandre Pushkin e Boris Godounov

10 Em todo estudo iconológico, é somente graças ao contexto que se pode discernir corretamente a significação e suas influências. O contexto pode ser definido como as circunstâncias nas quais os mapas foram elaborados e utilizados. Numa analogia com a “ situação de fala ” num estudo lingüístico, isto implica reconstruir os quadros físicos e sociais que determinaram a produção e o consumo dos mapas, os acontecimentos que conduziram a essas ações, a identidade dos produtores e dos usuários dos mapas, e a maneira como eles percebiam o ato de produzir e utilizar os mapas num mundo socialmente construído. Estes detalhes podem nos revelar não apenas os motivos que sustentam os eventos cartográficos, mas também os efeitos que os mapas tiveram e a

carga de informação que eles veiculam em termos humanos.

11 Mesmo uma inspeção rápida na história da cartografia revela a influência do poder político, religioso e social. Um estudo detalhado da cartografia na Europa pré-histórica, antiga e medieval e no Mediterrâneo demonstrou isso claramente. Ao longo deste período, a confecção de mapas foi uma das armas de inteligência especializadas para adquirir um poder, administrá-lo, codificá-lo e legitimá-lo. Além disso, este conhecimento estava concentrado nas mãos de relativamente poucas pessoas : os mapas eram assim associados à elite religiosa do Egito dinástico e da Europa cristã medieval, à elite intelectual na Grécia e em Roma, e à elite mercantil das cidades Estado no fim da Idade Média.

12 O mundo da Europa antiga e medieval não era exceção neste aspecto. A cartografia, quaisquer que sejam os outros significados culturais que lhe possam ter sido vinculados, sempre foi uma “ ciência dos príncipes ”. No mundo islâmico, sabe-se que são os califas, durante o período da geografia árabe clássica, os sultões, durante o Império otomano e os imperadores mongóis na Índia, que patrocinaram a confecção dos mapas e os utilizaram para fins militares, políticos, religiosos e de propaganda. Na China antiga, os mapas terrestres detalhados eram elaborados em conformidade com as prescrições dos dirigentes das sucessivas dinastias e serviam como instrumentos burocráticos e militares e emblemas espaciais do Império. Nos primeiros tempos da Europa moderna, da Itália aos Países-Baixos e da Escandinávia a Portugal, os monarcas absolutistas e os dirigentes tinham consciência do valor dos mapas para a defesa e para a guerra, para a administração interna ligada à expansão do governo central, e como instrumento de propaganda territorial com o objetivo de legitimar as identidades nacionais. Escritores como Castiglione, Elyot e Machiavel defendiam o uso dos mapas pelos generais e homens de Estado. Com os levantamentos topográficos nacionais que tiveram início no século XVIII na Europa, o papel da cartografia no exercício das relações de poder favoreceu geralmente as elites sociais.

13 As funções específicas dos mapas no exercício do poder confirmam também a onipresença desses contextos políticos por meio das escalas geográficas. Essas funções vão da construção de um Império mundial à manutenção do Estado-nação e à afirmação local dos direitos de propriedade individuais. Em cada um desses contextos, as dimensões do regime político e do território são compiladas em imagens que, assim como o ordenamento jurídico, fazem parte do arsenal intelectual do poder.

Mapas e Império

14 Da mesma forma que os canhões e os navios de guerra, os mapas foram as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios forma reivindicados no papel antes de ser efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império. Os geômetras marchavam ao lado dos soldados, elaborando primeiro os mapas para as missões de reconhecimento, depois com informações gerais, antes de fazê-los instrumento de pacificação, civilização e de exploração dessas colônias. Mas isto vai muito além da demarcação de fronteiras para submeter política e militarmente as populações. Os mapas prestam-se a legitimar a realidade da conquista e do império. Eles contribuem para criar mitos que ajudam a manter o *status quo* territorial . Como instrumentos de comunicação de uma mensagem imperial, eles fornecem um complemento à retórica dos discursos, dos jornais e dos textos escritos, ou aos contos e canções populares que exaltam as virtudes do império.

15 Nestes contextos imperiais, os mapas apoiaram sistematicamente o exercício direto do poder territorial. As malhas desenhadas pelos agrimensores romanos, tornadas funcionais pela criação das centúrias, exprimiam um poder que avançava em todas as direções, homogeneizando tudo em sua passagem. Nos estados Unidos o traçado do

levantamento topográfico retangular criou igualmente “ a ordem sobre a terra ”, em muito mais acepções que uma simples reprodução de um desenho clássico. A redescoberta do sistema de coordenadas geográficas de Ptolomeu no século XV foi também um evento cartográfico crucial, que privilegiou uma “ sintaxe euclidiana ” como estruturadora do controle territorial europeu. De fato, a natureza gráfica dos mapas permitia a seus usuários imperiais um poder arbitrário, facilmente dissociado responsabilidades sociais e suas conseqüências. O espaço podia ser dividido sobre o papel. Assim, o Papa Alexandre VI delimitou as possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo. Dividindo a América do Norte, no contexto de um imperialismo mundial europeu, as “ linhas do mapa revelavam este poder e o processo imperialista porque foram impostas no continente sem referências às populações indígenas e até mesmo, freqüentemente, sem referências ao próprio território. Os invasores dividiam entre eles o continente segundo os esquemas que refletiam suas próprias rivalidades complexas e seu poder relativo ”⁸

16 No século XIX, quando os mapas foram institucionalizados e relacionados à expansão da geografia como disciplina, seus efeitos de poder se manifestam novamente no crescimento permanente do imperialismo europeu. A corrida à África, que permite às potências européias fragmentar a organização territorial indígena, tornou-se um exemplo clássico desses efeitos. E, no século XX, com a divisão da Índia, efetuada pela Grã-Bretanha em 1947, pôde-se ver como um traço de lápis sobre um mapa podia determinar a vida e a morte de milhões de indivíduos. Existem inúmeros contextos nos quais os mapas tornaram-se a moeda de “ negociações ” políticas, de divisões, vendas e tratados feitos sobre o território coloniais, e nos quais, uma vez tornados permanentes pela imagem, estes mapas adquiriam freqüentemente força de lei.

Figura 1. Mapa do Império Britânico



Mapa do mundo ilustrando a extensão do Império Britânico em 1886 foi publicado pela primeira vez sob a forma de um suplemento no jornal Graphic. Uma projeção de Mercator, uma pintura cor-de-rosa para o território do Império, e emblemas decorativos mostrando a Grã-Bretanha sentada sobre o globo servem para articular a mensagem do “ Novo imperialismo ”. Reproduzido com a autorização da Coleção Mansell.

Os mapas e o Estado-nação

- 17 A história dos mapas está intimamente ligada á ascensão do Estado - nação no mundo moderno. Muitos mapas impressos na Europa ressaltavam as nações, os cursos d'água e as fronteiras políticas que constituíam as dimensões político-econômicas da geografia européia.
- 18 Os primeiros teóricos da política relacionavam os mapas aos homens de Estado, que foram os primeiros a colecioná-los sistematicamente. O Estado tornou-se e permaneceu um dos principais mandatários da atividade cartográfica em vários países.
- 19 Como o Estado estava pronto para financiar a confecção dos mapas, seja diretamente pelo Tesouro, seja indiretamente pela outorga de privilégios comerciais, este conhecimento foi considerado um privilégio. Na Europa ocidental, remonta-se à história do segredo cartográfico, ainda que ineficaz, na política conduzida pela Espanha e Portugal no século XVI. A prática era monopolizar o conhecimento e utilizar os documentos geográficos como um recurso econômico.
- 20 Um bom exemplo de interação entre mapas e regime político encontra-se na história da tecnologia militar. Para o exército, os mapas foram sempre considerados como uma forma importante de conhecimento, e as medidas para conservar o segredo e a censura são comuns tanto hoje em dia nas especificações escondidas dos organismos cartográficos públicos militares quanto nos Estados –maiores de campo do passado. Num plano prático, os mapas militares são uma engrenagem, pequena mas vital na infra-estrutura técnica do exército sobre o terreno. Quando as técnicas de guerra passaram da práticas das sedes às estratégias móveis, sobretudo a partir do século XVIII, os mapas que as acompanhavam se transformaram também. De qualquer forma, mesmo nestes contextos ativos, os processos históricos estavam sutilmente em prática. O conhecimento cartográfico permite a condução da guerra por um controle à distância, além do que é mais fácil visualizar as destruições. Não apenas os mapas militares facilitam a condução técnica da guerra mas também eles atenuam o sentimento de culpa que esta condução produz : as linhas silenciosas da paisagem de papel favorecem a idéia de um espaço socialmente vazio.
- 21 Os mapas militares não são todos silenciosos. Muitos proclamam em alto e bom som a vitória militar. Assim como havia desfiles, cantos e poemas militares houve, na Europa, a partir do século XV, planos de batalha visando comemorar os lugares sagrados da glória nacional.

Mapas e direitos de propriedade

- 22 Os mapas cadastrais e fundiários, indicando as propriedades, revelam o papel desempenhado pelos mapas na história das relações das classes rurais. O mapa constitui para o Estado ou proprietários privados um meio de controlar eficazmente os arrendatários e camponeses. Na sociedade romana, os *agrimensores* são considerados não somente como métodos técnicos de divisão de terras, mas também como instrumento social para regulamentar legalmente as propriedades e coletar impostos. Os mapas, moldados em bronze ou gravados na pedra eram desenhados para tornar mais permanente uma ordem social separando homens livres e escravos por um estatuto fundado na divisão do território. Nos primórdios da Europa moderna, ainda que o contexto sociológico e a confecção dos mapas sejam diferentes, algumas forças idênticas são atuantes. A cartografia das zonas rurais, locais, servia ao processo de regulamentação de litígios num contexto sócio-jurídico e era um meio para regular de forma eficaz os conflitos entre senhores e camponeses sobre os direitos de propriedade privados. Os mapas se ajustavam tão facilmente à cultura da sociedade fundiária que eles se adequaram à estratégias diplomáticas e às manobras militares dos Estados-

nações da Europa durante a Renascença.

23 Pode-se igualmente considerar que os mapas são parte integrante de algumas mudanças estruturais de longo prazo que marcaram a passagem do feudalismo ao capitalismo. A economia mundial e sua nova divisão geográfica do trabalho foram produzidas com a ajuda de documentos geográficos, incluídos os mapas. Planos precisos, em grande escala, foram um meio de explorar a terra mais eficazmente, de aumentar os rendimentos, de fazer respeitar as obrigações legais e de modificar os regimes de exploração. Completando os traçados mais antigos, o mapa serve como inventário geográfico, de codificação da informação sobre a propriedade, as meações, os valores de locação, as práticas de cultura e os potenciais agrícolas, inventário que permite aos proprietários capitalistas ver o conjunto de suas posses e melhor controlá-las. Ver, era acreditar nas hierarquias territoriais expressas nos mapas, seja na história geral da agricultura, na instalação de barragens, na drenagem de banhados e pântanos, na recuperação de colinas e prados. O geômetra anda freqüentemente ao lado do proprietário para difundir uma concepção capitalista da agricultura.

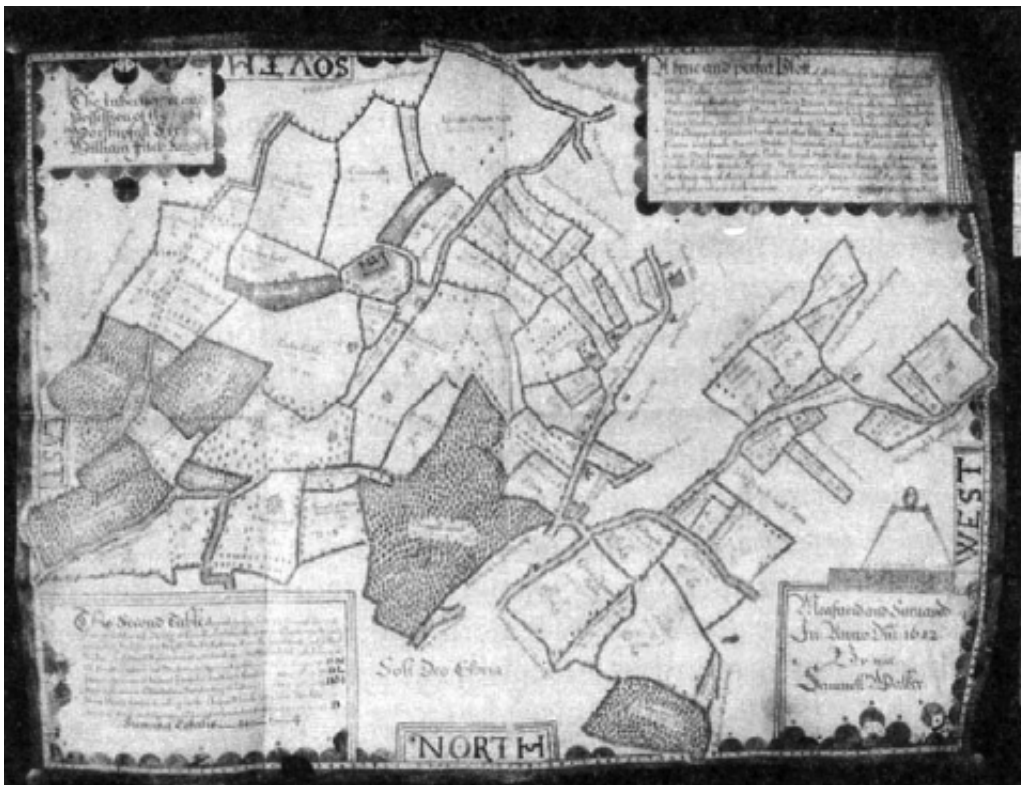
24 Os mapas invadem de maneira invisível a vida cotidiana. Assim como o relógio, símbolo gráfico da autoridade política central, introduziu a “ disciplina do tempo ” nos ritmos dos trabalhadores da indústria, as linhas dos mapas, ditando a nova topografia rural introduziram uma “ disciplina do espaço ”. Nas sociedades rurais da Europa, as antigas comunidades estavam a partir de então divididas e loteadas com ajuda dos mapas, e nas extensões selvagens das antigas terras indígenas da América do Norte, os limites traçados no mapa eram um meio de se apropriar das terras às custas daqueles que não estavam familiarizados com os métodos de levantamentos geométricos e que não podiam contestá-los. Os mapas entravam no direito, adquiriram a aura da ciência e contribuíam para engendrar uma ética e uma virtude ligadas à definição cada vez mais precisa. Os traçados feitos sobre os mapas, excluíaam ao mesmo tempo em que limitavam. Eles determinavam hierarquias territoriais segundo a loteria do nascimento, os acasos das descobertas e cada vez mais, o mecanismo do mercado mundial.

O conteúdo dos mapas no exercício do poder

“ É o mesmo mapa? ” Perguntou Jincey. Ela mostrou o grande mapa do mundo que pendia, enrolado para o verão, acima do quadro negro, atrás de Miss Dove. “ A China ainda é laranja? ” “ É um novo mapa ”, disse Miss Dove. “ A China é púrpura ”. “ Eu gostava do antigo mapa ”, disse Jincey “ Eu amo o mundo antigo ”. “ A cartografia é uma arte fluida ”, respondeu Miss Dove.

Frances Patton, Good Moring, Miss Dove (New York : Dodd Mead, 1954)

Figura 2. Mapa fundiário em grande escala



Mapas fundiários em grande escala e cadastros escritos tornaram-se a partir do século XVI um instrumento na ascensão do capitalismo rural na Inglaterra. Neste fragmento de mapa fundiário de Garnetts, em Essex (1622), atribuído a Samuel Walker, os detalhes das propriedades (DN= domínio de Edward Naylor, DL = domínio de Richard Lavender, etc.) , sua delimitação fixa e sua medida precisa (em acres, quarts d' arpent, perches) (9) transformam os direitos de propriedade em uma imagem tangível e legalmente constrangedora. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica.

25 Os cartógrafos e os historiadores dos mapas têm consciência há bastante tempo, que o conteúdo dos mapas tem uma tendência a criar o que eles chamam de desvios, distorções, variações ou de abusos em relação à realidade. Mas os escritos relativos à cartografia dedicam pouco espaço às implicações políticas destes desvios e ao que eles representam, e menos ainda às suas conseqüências sociais. Estes desvios ou distorções são geralmente medidos em relação à uma norma de objetividade, ela mesma tirada de procedimentos cartográficos. As conseqüências somente são evidenciadas pelos mapas que apresentam distorções intencionais, por exemplo, com finalidade de publicidade ou propaganda. A cartografia profissional do Serviço cartográfico britânico, do serviço geológico dos Estados Unidos, de Bartholomew, de Rand McNally¹⁰ ou de seus predecessores, seria considerada como largamente isenta deste conjunto de imagens deformado. A idéia de que os mapas podem produzir uma imagem “ cientificamente ” exata do mundo, em que as informações fáticas são representadas sem pré julgamentos está bem fundada na nossa mitologia cultural.

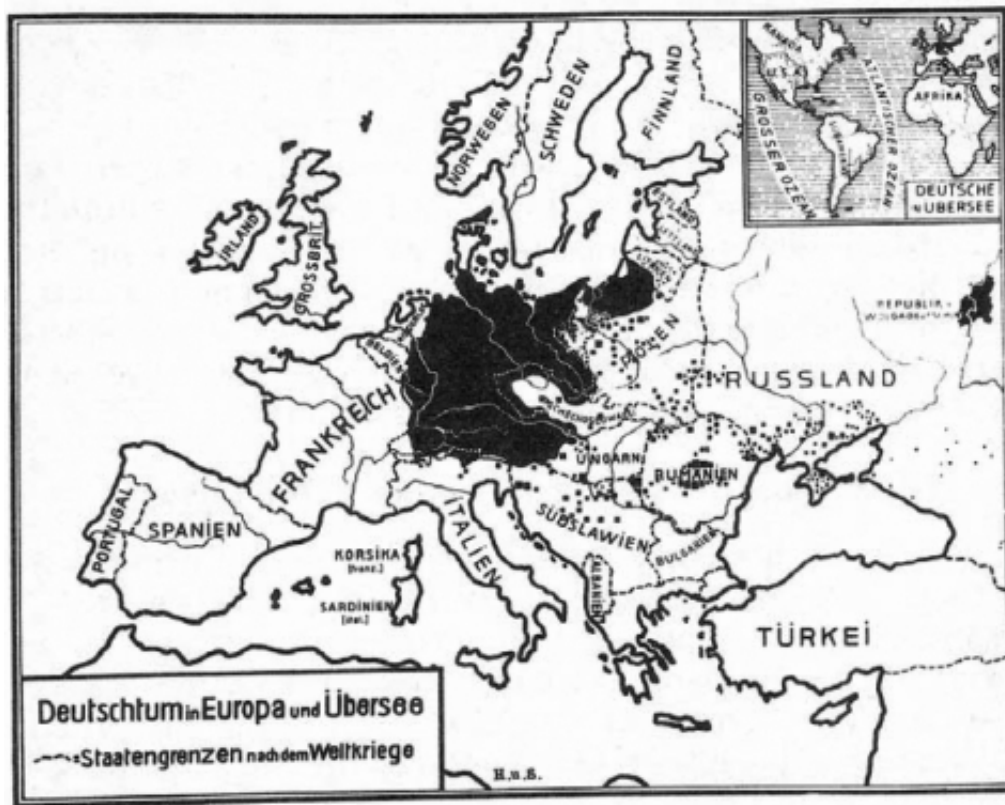
26 Reconhecer que toda cartografia é uma ficção complexa, controlada, não nos impede de conservar uma distinção entre as apresentações do conteúdo dos mapas que são deliberadamente induzidos por um artifício cartográfico e aqueles em que o conteúdo estruturante da imagem não é examinado.

Distorções intencionais do conteúdo dos mapas

27 Ao longo da história, pode-se encontrar distorções intencionais do conteúdo dos mapas com fins políticos ; o cartógrafo nunca foi um artista, um artesão ou um técnico independente. Por trás do criador dos mapas se esconde um conjunto de relações de poder, que cria suas próprias especificações. Sejam impostas por um particular, pela burocracia do Estado, ou pelo mercado, estas regras podem, às vezes, ser reconstruídas a partir de um conteúdo dos mapas e do modo de representação cartográfica.

Adaptando as projeções individuais, manipulando as escalas, aumentando excessivamente ou deslocando os sinais ou a topografia, utilizando cores com forte poder emotivo, os elaboradores de mapas de propaganda foram defensores de uma visão geopolítica de único sentido. Seus mapas fizeram parte do arsenal da guerra psicológica que era a moeda corrente muito antes da sua utilização pelos geopolíticos nazistas. As guerras de religião na Europa do século XVII e a Guerra Fria do século XX foram conduzidas mais pelo conteúdo dos mapas de propaganda que por outros meios

Figura 3. Mesmo simples mapas temáticos podem veicular sutis mensagens de propaganda.



Este mapa de um atlas escolar, retirado de *Geschichtsatlas ... Deutsch* (1933), representa as populações germânicas na Europa e além-mar (no detalhe), mas omite a legenda para os três tamanhos de símbolos. Se a divisão é globalmente realista, as minorias alemãs nos países europeus eram sempre muito menos aparentes (menos de 4% da população total) do que o é sugerido por meio da utilização de símbolos excessivos. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica

28 Os mapas aparentemente objetivos se caracterizam também por manipulações freqüentes de seu conteúdo. A censura cartográfica implica uma representação intencionalmente errônea que visa a enganar os usuários potenciais, geralmente aqueles considerados como oponentes do *status quo* territorial. Não se deve confundir com as supressões ou acréscimos relativos a um erro técnico, à incompetência, ou aos imperativos de tamanho ou de função. A censura cartográfica suprime dos mapas os elementos que, em geral, se deveria encontrar. Naturalmente, é mais difícil de notar que uma distorção patente. Justificadas por motivos de segurança nacional, de concorrência política ou de necessidade comercial, estas censuras são ainda largamente praticadas. A imagem censurada marca os limites do discurso autorizado e as omissões intencionais impedindo a representação de certos elementos; daí as ausências, origem de mal-estares por aqueles que são intencionalmente esquecidos.

29 A justificativa mais freqüente da censura cartográfica sempre foi de natureza militar. Na sua forma mais ampla, ela implicou a proibição da publicação dos levantamentos. Além disso, os detalhes de povoamento nos mapas do século XVIII foram mantidos não revisados por Frederico o Grande, assim como se supões que em certos mapas russos, as cidades foram intencionalmente localizadas em lugares errados durante os anos sessenta a fim de evitar que medidas estratégicas fossem tomadas por potências

inimigas. E desde o século XIX, uma prática quase universal consistiu em “suprimir” sistematicamente das séries de mapas topográficos oficiais, os dados relativos às instalações militares importantes¹¹. Esta prática se estende hoje a outros aspectos os quais sua inclusão seria embaraçosa para o governo. Por exemplo, os locais de deposição de detritos nucleares são omitidos dos mapas do Serviço geológico dos Estados Unidos.

30 Uma falsificação intencional dos mapas decorre de considerações políticas, além das puramente militares. Nos mapas, as fronteiras foram objeto de distorções geográficas, as quais provêm de tentativas de afirmar pretensões históricas em um território nacional, ou seja, de utilizar os mapas por antecipação para projetar e legitimar futuras ambições territoriais. Por exemplo, fronteiras contestadas¹² que aparecem nos mapas oficiais, nos atlas ou em imagens mais efêmeras como os selos de correio, foram incluídas ou suprimidas segundo a preferência política do momento. Estas práticas não se limitam também ao traçado das fronteiras políticas. Há muitas informações que mostram que as geografias da língua, da “raça” e da religião foram representadas em conformidade com as crenças dominantes. Existem numerosos casos em que os nomes dos lugares indígenas de grupos minoritários são substituídos nos mapas topográficos por topônimos padrão do grupo que detém o poder.

Distorções “inconscientes” do conteúdo dos mapas

31 O processo sutil pelo qual os valores da sociedade que produz os mapas influem sobre seu conteúdo é também interessante para aquele que estuda a iconologia cartográfica. Toda a história social dos mapas deve se interessar por essas regras ocultas do conjunto de imagens cartográficas e por suas conseqüências. Três aspectos destas estruturas ocultas serão aqui apresentados : a geometria dos mapas, os silêncios nos conteúdos dos mapas, as tendências à hierarquização na representação cartográfica.

Geometria subliminar

32 A estrutura geométrica dos mapas, vale dizer, a concepção gráfica que determina o lugar central ou a projeção, fixando o modo de transformação em relação ao globo terrestre, é um elemento que pode amplificar o impacto político de uma imagem, mesmo quando alguma distorção não é buscada conscientemente. Um traço universal dos primeiros mapas do mundo, por exemplo, reside na maneira pela qual eles foram regularmente centrados no “umbigo do mundo”, tal como foi percebido pelas diferentes sociedades. Esta síndrome do *omphalo*, que faz com que um povo se creia designado por Deus para ser o centro do Universo, aparece nos mapas distantes no tempo e no espaço, tais como os da antiga Mesopotâmia centrados em babilônia, os do universo chinês na China, os mapas gregos em Delfos, os mapas islâmicos em Meca, e aqueles do mundo cristão, em que Jerusalém aparece como “verdadeiro” centro do mundo. É difícil apreciar o efeito desta geometria, que reforça certos lugares, sobre a consciência social do espaço, e seria errôneo sugerir que esses modos de representação fizessem eclodir visões de mundo idênticas. Portanto, os mapas tendem a focalizar a atenção do observador sobre o centro e a promover assim o desenvolvimento de visões de mundo exclusivas, voltadas para o interior com um centro cultural povoado unicamente de verdadeiros crentes ...

33 É possível que uma visão etnocêntrica da mesma ordem tenha inspirado algumas das projeções cartográficas oficiais da Europa durante a Renascença. Igualmente, neste

caso, um mapa estrutura a geografia que ele representa segundo um conjunto de crenças sobre o que deveria ser o mundo, a verdade. Tomando-se um exemplo bem conhecido como a projeção de Mercator, é de se duvidar que o próprio Mercator, que concebeu os mapas com os navegadores, tenha tido consciência da influência de seu mapa sobre a visão hegemônica mundial dos Europeus. Entretanto, o simples fato de que a Europa esteja situada no centro do mundo nesta projeção, e que a superfície das massas terrestres esteja tão deformada que dois terços da superfície do globo pareçam se situar em latitudes elevadas, somente pôde favorecer um sentimento de superioridade dos Europeus. O fato de que os “ Estados colonialistas brancos ” apareçam relativamente maiores sobre o mapa do que aqueles que eram à época apenas “ as colônias ” habitadas por povos de cor representadas “ muito pequenas ”, nos convida a ver no mapa uma profecia geopolítica.

Os silêncios dos mapas

34 Os “ silêncios ” dos mapas são um conceito central em toda argumentação concernente à influência de suas mensagens políticas ocultas. Afirma-se aqui que, assim como certos exemplos de escritas ou de falas, os mapas exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e valorizam.

35 Os subentendidos políticos desses silêncios são tão poderosos que, às vezes, é difícil de os explicar apenas recorrendo a fatores históricos ou técnicos. Na Irlanda do século XVII, por exemplo, o fato de os geômetras que trabalhavam para os proprietários ingleses excluírem as cabanas dos autóctones irlandeses de seus mapas “ precisos ”, não é uma simples questão ligada à escala deste tipo de casa, mas também resultado de tensões religiosas e relações de classe no campo irlandês. Pode-se dizer o mesmo das omissões nos levantamentos dos condados da Inglaterra do século XVIII :

36 a exclusão de pequenas fazendas rurais pode tanto estar ligada às representações ideais dos proprietários clientes dos cartógrafos, quanto aos imperativos da escala cartográfica. Em numerosos planos de cidades antigas, um cartógrafo pode muito bem ter negligenciado inconscientemente as vielas e corredores dos pobres em proveito das grandes ruas, dos edifícios públicos e das residências dos mercadores na sua promoção consciente do orgulho cívico ou na celebração do sucesso comercial. Este tipo de filtragem ideológica é um processo universal. Nos mapas coloniais, como no século XVIII na América do Norte, os silêncios das cartas podem também ser considerados como discriminatórios contra os povos indígenas. Um mapa como o da Virgínia, elaborado por Fry e Jefferson (1751), dá a entender que os Europeus sempre viveram lá. Quando as “ nações indígenas ” neles aparecem, é antes para indicar uma expansão colonial futura que reconhecimento de sua integridade étnica. Dessa forma, ao longo de toda a época das explorações, os mapas europeus forneceram uma imagem de sentido único dos confrontos étnicos e sustentaram o direito divino da Europa de se apropriar dos territórios. Construindo uma maior massa de conhecimentos geográficos, os atlas europeus favoreceram, assim, uma visão eurocêntrica, imperialista, introduzindo um desvio sistemático em favor do espaço interior da Europa que reforçava a percepção da superioridade dos Europeus no sistema mundial. Os silêncios dos mapas, que freqüentemente faziam parte de estereótipos culturais, vieram expressar as profecias sobre a geografia do poder.

Figura 4. Os silêncios dos mapas



Parte do “ plano das cidades de Londres e de Westminster ... ” de John Rocque (1755), mostra a zona construída a oeste da cidade de Londres e as novas organizações de espaços verdes de Bloomsbury. Quando os distritos situados ao norte de Covent Garden e no entorno de Boad Street e de St. Giles tornaram-se cortiços, o cartógrafo produziu uma vista idealizada que acentua a ruralidade elegante dos principais lugares mas omite a miséria sórdida da cidade. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica

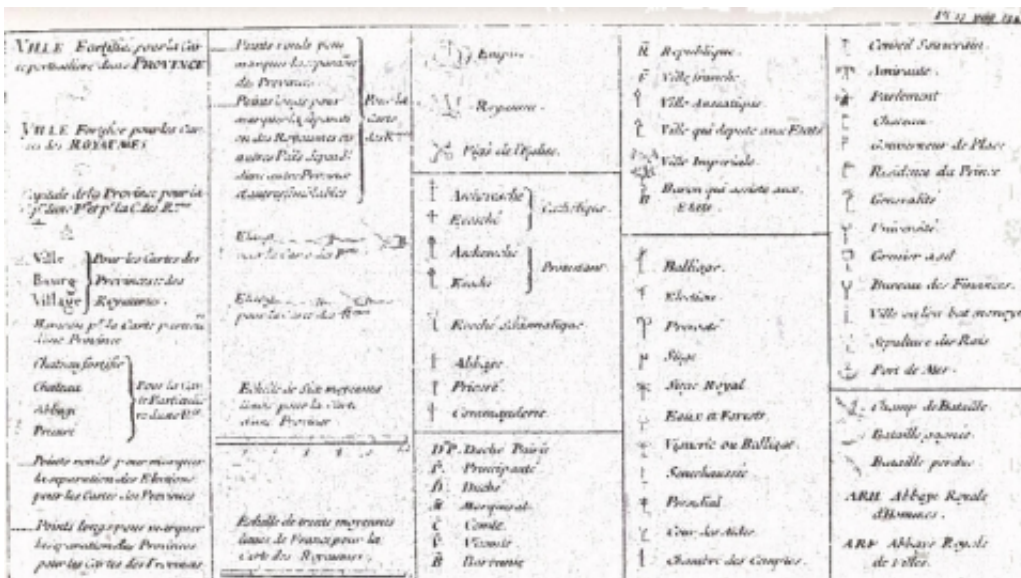
A representação de hierarquias

37 O papel dos mapas, enquanto forma de proclamação social, foi reforçado pelos sistemas de classificação e modos de representação – os chamados sinais “ convencionais ” ou cartográficos – que foram adotados para descrever os diversos aspectos da paisagem. Durante muito tempo, uma das regras do cartógrafo foi assinalar as pequenas cidades e vilarejos por ícones ou símbolos abstratos, de modo proporcional à sua importância. A hierarquia visual dos primeiros mapas modernos é, dessa forma, freqüentemente uma réplica das estratificações jurídicas, feudais e eclesiásticas. De fato, a concepção de uma sociedade hierárquica não era desconhecida dos cartógrafos contemporâneos. Por exemplo, em seu atlas de 1595, Mercator pretendia apresentar a relação e a denominação exata das capitais dos príncipes e dos nobres. Como outros cartógrafos que o precederam, imaginou um conjunto de sinais para representar a povoação, destinados a hierarquizar as implantações humanas que apareciam nos mapas. Nestes mapas, as cidades ocupavam um espaço bem maior que seu tamanho no terreno, mesmo considerando as convenções gráficas. Os símbolos dos castelos, representativos da importância feudal e da potência militar, são às vezes maiores que os símbolos dos vilarejos, ainda que eles ocupem menos espaço no solo. Os brasões, símbolos de posse territorial, servem para localizar a sede do senhor, enquanto os burgos dos meeiros que dele dependem na ordem feudal são designados por sinais inferiores, independente de sua população ou de sua superfície. Este tipo de representação é particularmente freqüente nos mapas do território alemão pertencente ao Santo Império Romano Germânico. Os mapas dedicam igualmente uma atenção considerável à geografia do poder eclesiástico. A principal mensagem era freqüentemente a da onipresença da Igreja. Fosse no território “ infiel ” dominado pelos Turcos, nas terras pertencentes ao Papado, nas regiões geralmente dominadas pelos protestantes ou por seitas particulares como os Hussitas, os mapas situavam a extensão das possessões temporais das Igrejas. Os mapas passavam também uma mensagem secundária : não somente eles reforçavam a percepção do poderio da Igreja enquanto

instituição no seio do conjunto da sociedade, mas eles registravam as hierarquias espaciais e as dominações conflituosas no seio da própria Igreja. Sobre este primeiro ponto, note-se, por exemplo, na legenda do mapa da Islândia de Boazio (1599) um símbolo pictórico exagerado da “ cidade do Bispo ”; nos mapas regionais da Inglaterra à época da Reforma, os símbolos das torres e campanários da igreja são maiores do que exige o conceito de escala vertical. No que concerne à hierarquia, os símbolos individualizados para os arcebispados e os bispados, sob a forma de cruzes simples ou duplas, cajados, mitras e outros paramentos eclesiásticos, testemunham a organização social da religião¹³. Aí também as amplificações seletivas dos sinais cartográficos estavam estreitamente ligadas à fidelidade em relação às religiões, sendo a expressão, nos primeiros tempos da Europa moderna, das guerras religiosas.

38 Mas se os sinais dos mapas refletiam por vezes as mudanças da situação religiosa, também favoreciam o *status quo*, legitimando as hierarquias estabelecidas dos mapas anteriores. Na França, por exemplo, os cartógrafos, a serviço da coroa utilizavam imagens que consistiam numa forma de propaganda de Estado, insistindo nas engrenagens administrativas de sua burocracia centralizada e representando diversos aspectos do código jurídico do Antigo Regime¹⁴. Em 1721, Bouchotte utilizava sete categorias administrativas (grão ducado, principado, ducado, marquesado, condado, viscondado, baronado) e cinco níveis eclesiásticos (arcebispado, bispado, abade, priorado, paróquia)¹⁵ para codificar os mapas regionais (*mapas particulares*)

Figura 5. Confirmação das hierarquias sociais pelos sinais cartográficos



Prancha 14 de Bouchotte, *Les règles du dessin et du lavis* (Paris, 1721). Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica.

O simbolismo cartográfico do poder

A terra é um lugar onde se encontra a Inglaterra,

Vós a encontrareis qualquer que seja o sentido no qual vós girardes o globo,

Pois suas possessões são vermelhas e o resto inteiramente cinza.

Tal é o sentido do Dia do Império.

G.K. Chesterton, “ Songs for Education : 11 Geography ”,

The collected poems of G. K. Chesterton

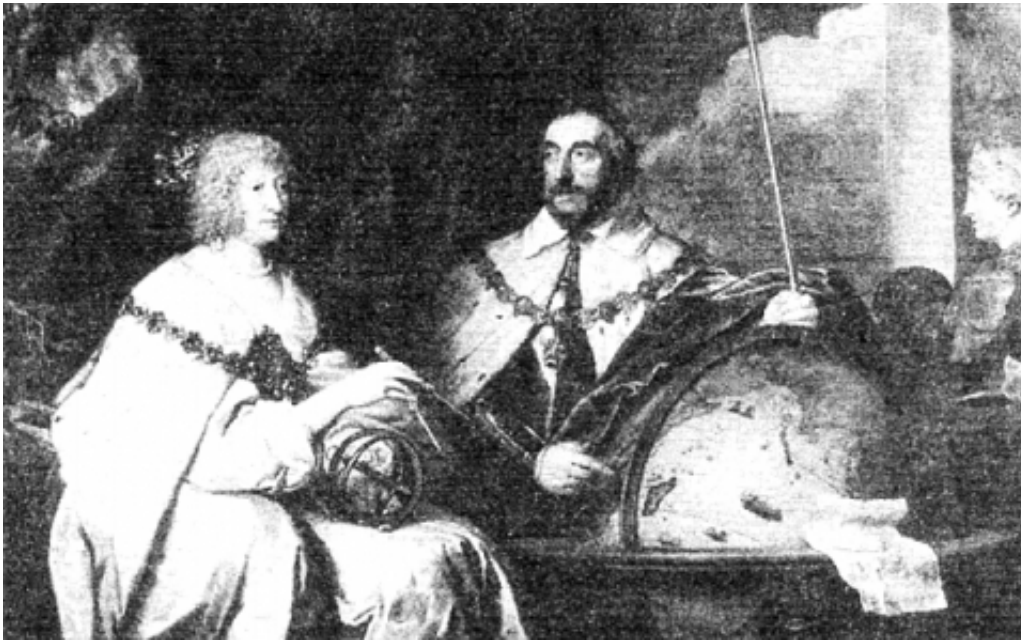
39 Na imposição do poder, o nível simbólico revela uma importância cartográfica maior. É neste nível que os mapas são mais imagéticos e persuasivos. Pode-se tomar, por exemplo, os mapas simbólicos que se encontram nas pinturas; pode-se também apreciar o papel que desempenham os emblemas artísticos (que não têm necessariamente uma natureza cartográfica) enquanto signos nos mapas decorativos onde eles estão *integrados ao discurso do mapa*. Após estudar as ligações entre o significado destes emblemas e o território representado, se verá como os mapas não decorativos também podem simbolizar valores culturais e políticos.

Os mapas na pintura

40 Desde a idade clássica, os artistas utilizavam os globos e os mapas como emblemas de seu próprio simbolismo. Como signos políticos, o globo ou a esfera freqüentemente simbolizaram a soberania sobre o mundo. Desde a época romana, nas moedas e nos manuscritos, um globo ou uma esfera eram colocados nas mãos de um imperador ou de um rei. Na era cristã, a esfera, a partir de então encimada com uma cruz, tornou-se uma das insígnias dos Imperadores do Santo Império Romano Germânico, e na pintura religiosa, ela estava sempre colocada nas mãos do Cristo *Salvator Mundi*, ou de Deus Pai, *Creator Mundi*. Estas significações encontram-se na arte da Renascença. No século XVI, os globos, que assim como os mapas apareciam com mais freqüência graças à imprensa, começam a fazer parte das insígnias de autoridade nos retratos de reis, embaixadores, homens de estado e nobres. Mas elas visavam sobretudo a veicular a extensão dos poderes, ambições e empreendimentos daqueles que as portavam. Estas pinturas proclamavam o direito divino do controle político, e o emblema do globo indicava que era possível exercê-lo ou se desejava exercê-lo em escala mundial.

41 Na pintura, os mapas serviram como símbolos territoriais. Por exemplo, pode-se interpretar os ciclos de mapas murais da Renascença italiana como uma *Summa* visual do saber, do poder e do prestígio religioso, em geral secular. Nos retratos dos imperadores, monarcas, homens de Estado, generais e papas, os mapas são um recurso gráfico que exprimem o poder social e territorial. Não é por acaso que Elizabeth I aparecia num mapa da Inglaterra do século XVI, que o retrato de Luís XIV foi representado com um mapa de seu reino por Cassini, que o Papa Pio IV supervisiona o levantamento e a drenagem dos pântanos, e que Napoleão é freqüentemente representado com os mapas na sua possessão, seja a cavalo, em campanha, ou sentado, discutindo as conquistas realizadas ou futuras. Mesmo quando o suporte passa da pintura à fotografia ou ao filme, o simbolismo poderoso dos mapas persiste, como bem captaram os autores de filmes sobre Napoleão ou Hitler. Nos jornais, nas telas de televisão e nos inúmeros desenhos de sátira política, os chefes militares são sempre representados em frente aos mapas, para confirmar ou reafirmar àqueles que os olham o direito imprescritível ao poder sobre o território. Os motivos cartográficos continuam a ser aceitos como signos políticos na sociedade contemporânea.

Figura 6. O mapa como símbolo territorial



Neste retrato de Thomas, décimo quarto duque de Arundel, e de sua mulher Alethea (Van Dyke, *circa* 1639), o duque aponta a empresa colonial que ele incentivou na ilha de Madagascar. Reproduzido com a autorização do Duque de Norfolk.

A ideologia da decoração cartográfica

42 Desde a Renascença, os mapas raramente são puras representações geográficas, uma vez que são acompanhados de toda uma série de emblemas decorativos. Desde Jonathan Swift, estes elementos considerados como acessórios em relação aos objetivos da comunicação cartográfico foram negligenciados.

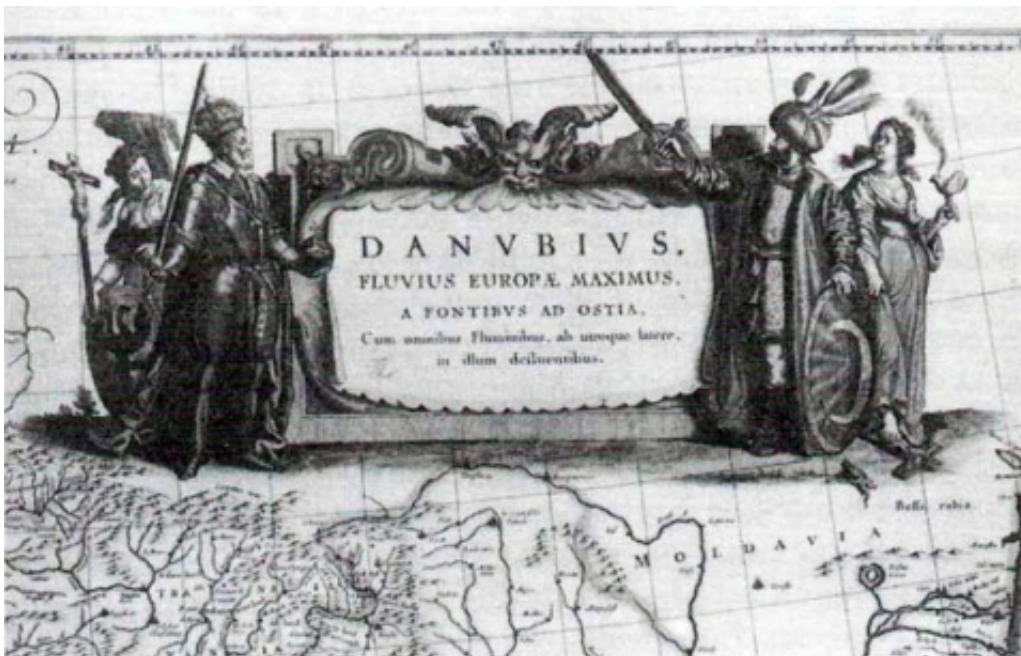
Figura 7. Página inicial de um atlas como afirmação geopolítica



Nesta edição de 1573 do *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius, a Europa, personificada como a mestra do mundo, está sentada num trono sobre os outros três continentes. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

- 43 Títulos, letras, molduras, vinhetas, dedicatórias, rosas dos ventos, bordados decorativos, que poderiam incorporar motivos tirados do vocabulário mais amplo da expressão artística contribuíram, entretanto, para reforçar a significação política dos mapas.
- 44 Nesta perspectiva, a idéia segundo a qual a decoração cartográfica seria um exercício estético marginal não é mais aceitável.

Figura 8. Um conflito territorial e religioso



O conflito está resumido na moldura que acompanha o mapa do Danúbio em *Mayor o Geographia Blaviana, Vol.3 : Alemanha* (Amsterdã, 1662). O Santo Imperador Romano-Germânico (à esquerda), revestido de emblemas do poder e da fé cristã, enfrenta o Sultão infiel, inimigo da Cristandade e profanador da cruz. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

45 O papel simbólico da decoração é encontrado em boa parte da história da cartografia europeia. Por exemplo, os frontispícios e títulos de numerosos atlas definiram explicitamente, com ajuda de emblemas reconhecíveis por todos, a importância ideológica e a carga prática dos mapas. Os arcos monumentais são a expressão de um poder. O globo e a esfera armilada são associados às dedicatórias reais. A imagem integra os retratos dos reis e rainhas assim como as representações dos brasões reais. Os emblemas reais, tais como a flor de lis ou a águia imperial, suscitam igualmente pensamentos políticos e geográficos mais concretos no espaço cartografado. Os personagens mais frequentemente representados são os nobres, os bispos, os ricos mercadores e os proprietários de terra. Nos mapas cadastrais ingleses, os símbolos que representam a riqueza fundiária são os brasões, os castelos, a atividade de caça dos proprietários. Possuir o mapa, era possuir a terra.

46 Nos atlas e nos mapas murais, a decoração serve também para simbolizar a conquista ultra-mar. Os navegadores europeus, representados com os símbolos cartográficos correntes como a bússola ou o compasso, se inclinam gravemente sobre as *terrae incognitae* como se eles as houvessem conquistado antes mesmo de dar início aos seus atos de descoberta, de conquista de exploração. Em verdade, é nos mapas destes impérios ultramarinos que se encontram alguns dos exemplos mais chocantes do reforço ideológico pela decoração. Olhando os mapas da América do Sul no século XIV estabelecidos pelos exploradores franceses ou os mapas britânicos dos territórios africanos no século XIX, a decoração contribui para agregar uma série de estereótipos e preconceitos raciais às regiões representadas. Isto é evidente para a África. Alguns motivos utilizados sugerem que era difícil para os Europeus aceitar a ideia que a humanidade africana era diferente. Assim, nos bordados de vários mapas, os rostos africanos exibem traços europeus. Emprestava-se aos homens africanos um físico “ideal” e poses que se encontram na iconografia de personagens da Grécia clássica e Roma. E em conformidade com a hipótese segundo a qual os sistemas políticos europeus eram universais, os chefes africanos eram geralmente representados como “reis”.

47 Em outros casos, os símbolos de “alteridade” tomavam a forma de um racismo bizarro. Os indígenas são representados cavalgando um avestruz ou um crocodilo, se dedicando ao canibalismo, os são qualificados de “selvagens” nas molduras ou, como num mapa francês do século, XVIII como formando uma raça de homens e de mulheres

com caudas ”. Nas representações das mulheres africanas e nas alegorias sobre a América e outros continentes, a sexualidade feminina é explicitamente presente para melhor marcar uma dominação masculina. Os símbolos do poder europeu não são nunca muito distanciados do espaço africano. Navios, castelos, fortes, imagens de soldados em uniforme europeu são espalhados nas regiões costeiras ; os “ reis ” africanos são submetidos à autoridade europeia; anjos alegóricos, a Bíblia ou a cruz trazem aos “ bárbaros ” africanos os benefícios da Cristandade, no quadro da edificação colonial. Às vezes, as molduras e as vinhetas simbolizam a autoridade colonial das diferentes nações : num mapa francês de 1708, os negros africanos são representados com um leão sob as armas da França.

O “ fato ” cartográfico como símbolo

48 Passar destes exemplos de expressão artística para o aspecto simbólico dos mapas é fácil. Após ver os mapas nos contextos metafóricos, é fácil verificar até que ponto um mapa desprovido de elementos decorativos, ou mesmo de legenda e explicação, pode ser por si mesmo um símbolo de autoridade política. Estes mapas se caracterizam por um realismo simbólico, assim como o que parece à primeira vista um fato cartográfico, pode também ser um símbolo cartográfico. Esta dualidade do mapa impregna vários discursos cartográficos e explica porque os mapas são sempre um ato ou uma declaração políticas.

49 Uma vez admitida a onipresença do simbolismo, a ruptura tradicional na elaboração dos mapas, entre uma fase “ decorativa ” e uma fase “ científica ”, aceita por muitos historiadores da cartografia, torna-se um mito.

50 Longe de ser incompatível com um poder simbólico, a maior precisão da medida se intensifica. A precisão se torna um novo talismã da autoridade.

51 Por exemplo, um mapa representando de maneira precisa os contornos de uma nação, tal como Cassini deu a Luís XIV, constituía uma alegoria patriótica ; também, os mapas “ despojados ” da terra Santa colocados nas Bíblias protestantes do século XVI, em parte com o objetivo de validar a verdade do texto, eram mais um ensaio de simbolismo sagrado que representações ilustradas da região.

52 Este exemplo do papel desempenhado no passado pelos mapas para fabricar um mito não têm nada de excepcional. Os mapas cadastrais, ainda que construídos a partir de um levantamento topográfico instrumental, simbolizavam uma estrutura social fundada sobre a propriedade fundiária. Os mapas dos condados e das regiões, mesmo elaborados graças à triangulação, articulavam os valores e os direitos locais. Os mapas dos Estados-nações, mesmo construídos ao longo dos arcos dos meridianos, veiculavam um simbolismo de um conjunto de idéias nacionalistas. Os mapas mundiais, ainda que cada vez mais desenhados a partir de projeções estabelecidas com ajuda matemática, não representavam menos as distorções extraordinárias na representação das colônias de ultra-mar. Mesmo os mapas celestes, observados com os telescópios cada vez mais potentes, comportavam imagens de constelações que evocavam as guerras de religião e dinastias políticas do mundo terrestre. Se é prematuro afirmar que quase todos os mapas contêm um símbolo político, os argumentos não faltam, à primeira vista, para fazer tal generalização.

Conclusão : discurso cartográfico e ideologia

53 A história dos mapas, como a de outros símbolos culturais, pode ser interpretada

como uma forma de discurso : deve-ser encarar os mapas como sistemas de signos incomparáveis, nos quais os códigos podem ser ao mesmo tempo imagéticos, lingüísticos, numéricos e temporais, e como uma forma de saber espacial. Não é difícil proceder generalizações sobre o papel mediados dos mapas no pensamento ou na ação política e de reter seus efeitos em termos de poder. Tanto por meio de seu conteúdo como de seus modos de representação, a confecção e utilização dos mapas foi invadida pela ideologia. Mas estes mecanismos só podem ser compreendidos em, situações históricas particulares. As conclusões gerais que seguem devem ser tomadas como idéias preliminares antes de uma pesquisa mais ampla.

54 O modo como os mapas vieram a fazer parte de um sistema de signos políticos foi guiado pela sua criação pelas elites ou grupos de indivíduos poderosos, favorecendo um discurso desigual. As flechas ideológicas foram atiradas num só sentido, no seio da sociedade, os poderosos em direção aos fracos. Diferentemente da literatura, da arte ou da música, a história social dos mapas não parece comportar os modos de expressão populares, alternativos ou subversivos.

55 Os mapas são essencialmente uma linguagem de poder e não de contestação. Ainda que os mapas nos tenham feito entrar na era das comunicações de massa, os meios de produção cartográfica, comerciais ou públicos, continuam largamente controlados pelos grupos dominantes, A tecnologia informática reforçou esta concentração do poder das mídias, A cartografia permanece um discurso teleológico, confirmando o poder, reforçando o status quo, restringindo as interações sociais no interior de limites bem traçados.

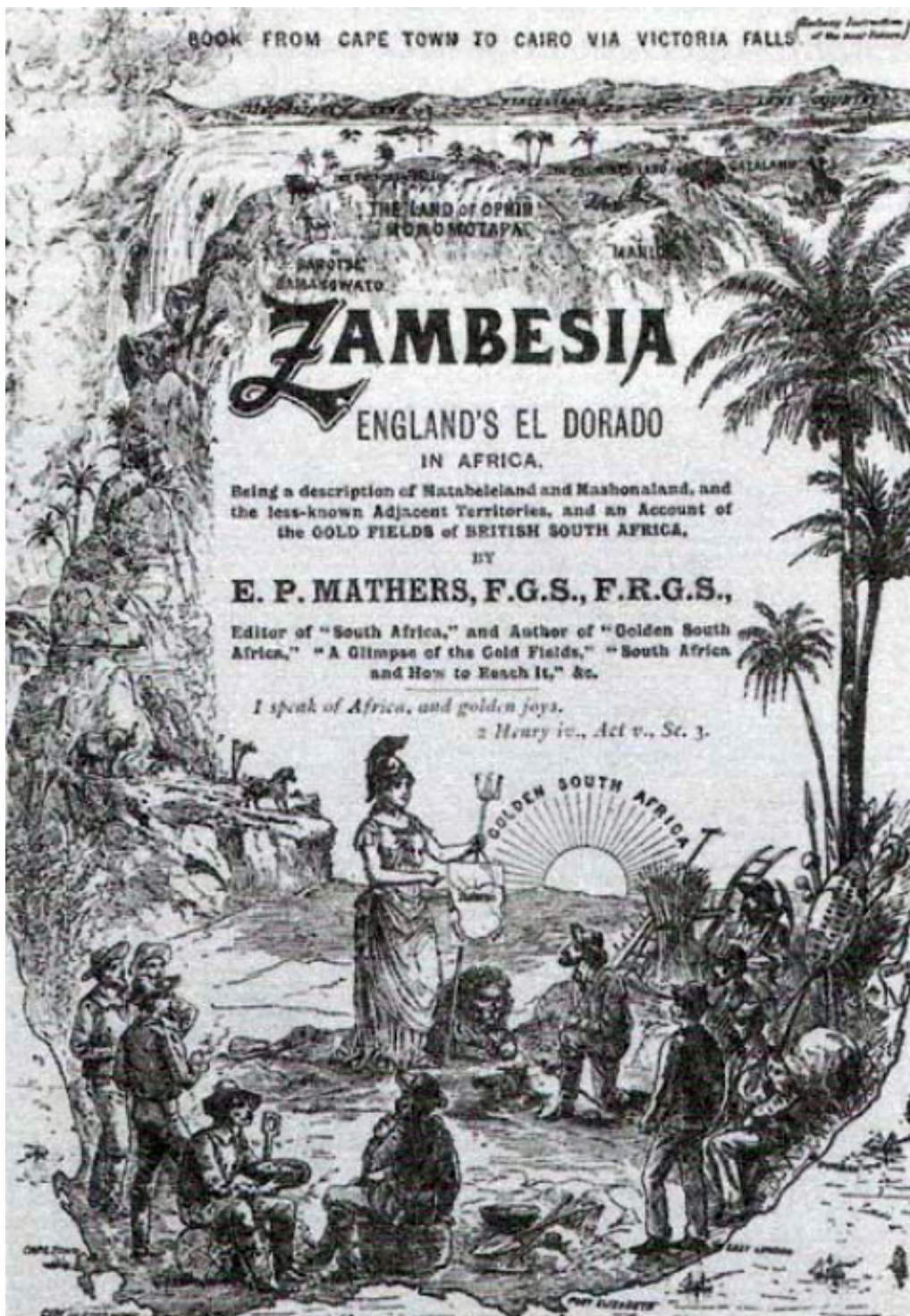
56 Os processos cartográficos praticados pelo poder consistem em atos deliberados, em práticas de vigilância e adaptações cognitivas conforme os valores e crenças dominantes. As ações práticas empreendidas com ajuda dos mapas, guerras, traçado de fronteiras,propaganda, preservação da ordem pública, são ilustradas ao longo da história do mapas. Os processos tácitos de dominação pelos mapas, são ainda mais sutis e fúrdios. Eles fornecem regras ocultas de um discurso cartográfico que tem sua origem nas geometrias subliminares, nos silêncios e nas hierarquias representadas nos mapas. O mapa exerce sua influência tanto pela sua força de representação simbólica quanto pelo que ele representa abertamente. A iconologia do mapa, no tratamento simbólico do poder, é um aspecto negligenciado da história cartográfica

Figura 9. Os mapas tornaram-se imagens que substituem o próprio Estado-nação.



Nesta gravura tirada de *The Polish captivity* (Vol. 1, Londres, 1863), a divisão da Polônia está representada pelo rompimento do mapa. Os espectadores contemplam este ato com desespero, enquanto um anjo, representando a Igreja católica, dá as costas com horror e soa o alarme com um trompete. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee

Figura 10 Página inicial de *Zambesia, England's El Dorado in África* (Londres, 1891).



A cena está representada sobre um mapa mudo da África meridional. A Grã-Bretanha, que mostra um mapa da Zambésia, incentiva os colonos a tirar partido da riqueza econômica do país enquanto a população indígena africana está excluída da cena. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

57 Restringindo sua importância, nós nos distanciamos de uma história dos mapas que descreve a intenção do cartógrafo e seus atos técnicos em proveito de uma história que situa a imagem cartográfica num contexto social.

58 Enquanto tipo de conhecimento impessoal, os mapas tendem a “dessocializar” o território que eles representam, Eles favorecem a noção do espaço socialmente vazio. A qualidade abstrata do mapa, tanto incorporada nas linhas de uma projeção ptolomaica do século XV quanto nas imagens contemporâneas da cartografia informatizada, atenua a tomada de consciência de que os seres humanos vivem na paisagem. As decisões relativas ao exercício do poder estão desconectadas do domínio dos contatos interpessoais.


59 Resta explorar estas idéias nos contextos históricos específicos. Assim como os






historiadores, o cartógrafo sempre desempenhou um papel retórico definindo as configurações do poder no seio da sociedade e registrando suas manifestações sobre a paisagem visível. Toda história cartográfica que ignora esta carga política da representação fica condenada a ser apenas uma história “ histórica ”.





Notes

- 1 O termo “ profundo ” remete à expressão “ descrição profunda ” utilizada pelo antropólogo americano Clifford Geertz para exprimir a idéia segundo a qual as descrições cuidadosas e muito detalhadas são indispensáveis para explicar cultura diferentes das suas.
- 2 Carl Sauer é um geógrafo cultural americano pertencente à Escola de Berkeley, na Califórnia.
- 3 Harley faz alusão a Jacques Bertin e a sua importante obra *Sémiologie graphique. Les diagrammes, les réseaux, les cartes* (Paris, Gauthier-Villars, 1967).
- 4 O pensamento de Harley sofreu a influência de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *L’ apparition du livre* (Paris, Ed. A. Michel, 1958).
- 5 Erwin Panofsky, um dos grandes historiadores de arte do século XX, pioneiro em novos estudos interpretativos na obra *Studies in iconology: humanistic themes in the art of the Renaissance* (Oxford : Oxford University Press, 1939).
- 6 Aqui, e em vários outros escritos, Michel Foucault exerceu uma importante influência sobre Harley. Como referências específicas, citamos *Les mots et les choses : une archéologie des sciences humaines* (Paris, Gallimard, 1966) ; *Surveiller et punir : naissance de la prison* (Paris : Gallimard, 1975) ; e questões a Michel Foucault sobre a geografia, em *Herodote, I*, 1976.
- 7 Sociólogo inglês da Universidade de Cambridge que procura resolver a questão sempre difícil das estruturas da sociedade na qual se encontra o indivíduo, e do modo como essas estruturas se mantêm ou se modificam. A citação é tirada de “ *A contemporary critique of historical materialism : Power, property and the State* ” (Londres, Macmillan, 1981).
- 8 Referência a Donald Meinig, eminente especialista americano em geografia histórica, e à sua obra em três volumes *The Shaping of America* (New Haven, Yale University Press, 1986), p. 232.
- 9 N. T : antigas medidas de superfície : perche = vara, arpent, equivalente a cem perches, de 20 a 50 ares.
- 10 ,Bartholomew e Rand McNally são importantes editores de mapas, respectivamente inglês e americano, que produzem a cada ano milhões de mapas.
- 11 Na Grã-Bretanha, o semanário *New Statesman* (27 de maio de 1983 p. 6) escreveu: “ os agentes secretos do Serviço cartográfico nos transmitiram um manual secreto extremamente interessante que cataloga e define na Grã-Bretanha lugares que não têm existência oficial e que não podem portanto figurar nos mapas”.
- 12 Tomemos o exemplo da fronteira entre o Haiti e São Domingos que segundo o caso, aparece ou não nos manuais de ensino do país.
- 13 Referência à François de Dainville, *Le langage des géographes : termes, signes, couleurs des cartes anciennes*. (Paris, A e J. Picard, 1964).
- 14 François de Dainville, « Le signe de “ justice ” dans les cartes anciennes », *Revista Histórica do Direito Francês e Estrangeiro*, 34, 1956, PP.111-114.
- 15 M. Buchotte, *Les règles du dessin et du lavis* (Paris, Jombert, 1721, 1743).

Table des illustrations

Titre	Figura 1. Mapa do Império Britânico
 Légende	Mapa do mundo ilustrando a extensão do Império Britânico em 1886 foi publicado pela primeira vez sob a forma de um suplemento no jornal <i>Graphic</i> . Uma projeção de Mercator, uma pintura cor-de-rosa para o território do Império, e emblemas decorativos mostrando a Grã-Bretanha sentada sobre o globo servem para articular a mensagem do “ Novo imperialismo ”. Reproduzido com a autorização da Coleção Mansell.
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-

		1.jpg
	Fichier	image/jpeg, 420k
	Titre	Figura 2. Mapa fundiário em grande escala
	Légende	Mapas fundiários em grande escala e cadastros escritos tornaram-se a partir do século XVI um instrumento na ascensão do capitalismo rural na Inglaterra. Neste fragmento de mapa fundiário de Garnetts, em Essex (1622), atribuído a Samuel Walker, os detalhes das propriedades (DN= domínio de Edward Naylor, DL = domínio de Richard Lavender, etc.) , sua delimitação fixa e sua medida precisa (em acres, quarts d'arpent, perches) ⁽⁹⁾ transformam os direitos de propriedade em uma imagem tangível e legalmente constrangedora. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica.
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-2.jpg
	Fichier	image/jpeg, 540k
	Titre	Figura 3. Mesmo simples mapas temáticos podem veicular sutis mensagens de propaganda.
	Légende	Este mapa de um atlas escolar, retirado de <i>Geschichtsatlas ... Deutsch</i> (1933), representa as populações germânicas na Europa e além-mar (no detalhe), mas omite a legenda para os três tamanhos de símbolos. Se a divisão é globalmente realista, as minorias alemãs nos países europeus eram sempre muito menos aparentes (menos de 4% da população total) do que o é sugerido por meio da utilização de símbolos excessivos. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-3.jpg
	Fichier	image/jpeg, 428k
	Titre	Figura 4. Os silêncios dos mapas
	Légende	Parte do “ plano das cidades de Londres e de Westminster ... ” de John Rocque (1755), mostra a zona construída a oeste da cidade de Londres e as novas organizações de espaços verdes de Bloomsbury. Quando os distritos situados ao norte de Covent Garden e no entorno de Boad Street e de St. Giles tornaram-se cortiços, o cartógrafo produziu uma vista idelaizada que acentua a ruralidade elegante dos principais lugares mas omite a miséria sórdida da cidade. Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-4.jpg
	Fichier	image/jpeg, 440k
	Titre	Figura 5. Confirmação das hierarquias sociais pelos sinais cartográficos
	Légende	Prancha 14 de Bouchotte, <i>Les règles du dessin et du lavis</i> (Paris, 1721). Reproduzido com a autorização da Biblioteca Britânica.
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-5.jpg
	Fichier	image/jpeg, 368k
	Titre	Figura 6. O mapa como símbolo territorial
	Légende	Neste retrato de Thomas, décimo quarto duque de Arundel, e de sua mulher Alethea (Van Dyke, <i>circa</i> 1639), o duque aponta a empresa colonial que ele incentivou na ilha de Madagascar. Reproduzido com a autorização do Duque de Norfolk.
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-6.jpg
	Fichier	image/jpeg, 376k
	Titre	Figura 7. Página inicial de um atlas como afirmação geopolítica
	Légende	Nesta edição de 1573 do <i>Theatrum Orbis Terrarum</i> , de Abraham Ortelius, a Europa, personificada como a mestra do mundo, está sentada num trono sobre os outros três continentes. Reproduzido

	com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-7.jpg
Fichier	image/jpeg, 480k
Titre	Figura 8. Um conflito territorial e religioso
	Légende O conflito está resumido na moldura que acompanha o mapa do Danúbio em <i>Mayor o Geographia Blaviana, Vol.3 : Alemania</i> (Amsterdam, 1662). O Santo Imperador Romano-Germânico (à esquerda), revestido de emblemas do poder e da fé cristã, enfrenta o Sultão infiel, inimigo da Cristandade e profanador da cruz. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-8.jpg
Fichier	image/jpeg, 480k
Titre	Figura 9. Os mapas tornaram-se imagens que substituem o próprio Estado-nação.
	Légende Nesta gravura tirada de <i>The Polish captivity</i> (Vol. 1, Londres, 1863), a divisão da Polônia está representada pelo rompimento do mapa. Os espectadores contemplam este ato com desespero, enquanto um anjo, representando a Igreja católica, dá as costas com horror e soa o alarme com um trompete. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-9.jpg
Fichier	image/jpeg, 312k
Titre	Figura 10 Página inicial de Zambesia, England's El Dorado in África (Londres, 1891).
	Légende A cena está representada sobre um mapa mudo da África meridional. A Grã-Bretanha, que mostra um mapa da Zambésia, incentiva os colonos a tirar partido da riqueza econômica do país enquanto a população indígena africana está excluída da cena. Reproduzido com a autorização da Coleção da Sociedade Geográfica Americana, Universidade de Wisconsin-Milwaukee.
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/5724/img-10.jpg
Fichier	image/jpeg, 374k

Pour citer cet article

Référence électronique

Brian Harley, « Mapas, saber e poder », *Confins* [En ligne], 5 | 2009, mis en ligne le 24 avril 2009, consulté le 20 juillet 2023. URL : <http://journals.openedition.org/confins/5724> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/confins.5724>

Cet article est cité par

- Kuvasney, Eliane. (2015) O mapa da fortificação da cidade de São Paulo por ocasião da Revolta Liberal de 1842. Contexto e usos atuais.. *Confins*. DOI: 10.4000/confins.10524
- Moraes, Cristina de. (2017) O Mapa do Território Nacional de Misiones (1881) na conjuntura da disputa territorial entre Argentina e Brasil. *Confins*. DOI: 10.4000/confins.11774

Auteur

Brian Harley

Droits d'auteur



Creative Commons - Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International - CC BY-NC-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Ce site utilise des cookies et vous donne le contrôle sur ceux que vous souhaitez activer

✓ Tout accepter

✗ Tout refuser

Personnaliser

[Politique de confidentialité](#)